

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: *O Estado de São Paulo*

Class.: 22

Data: *4 de Junho de 1972*

Pg.: _____

Funai não responderá já às denúncias de Cotrim

Da Sucursal de Brasília e do Correspondente em Cuiabá

A Funai, que até agora não se pronunciou oficialmente sobre as denúncias do sertanista Antonio Cotrim Neto, espera que a imprensa esqueça um pouco o assunto para então anunciar a sua posição sobre o problema. Isto é o que afirmam várias pessoas ligadas ao general Bandeira de Mello, presidente daquele órgão.

Essas mesmas fontes informam que Bandeira de Mello não ficou nem um pouco abalado com as denúncias de Cotrim e que apenas está atento à repercussão que as informações divulgadas pelo sertanista estão encontrando na opinião pública. Na Funai, como acontece sempre que a situação se torna mais delicada, foi reafirmada aos funcionários a proibição de fornecer qualquer informação à imprensa, sobre o que está acontecendo na área indígena. A proibição foi afixada em todos os departamentos do órgão, explicando que isto se estende a todo o quadro de funcionários espalhados pelo país.

Enquanto isto, o pronunciamento do general Bandeira de Mello continua sendo esperado com ansiedade em Brasília, pois algumas das denúncias de Cotrim foram desmentidas há pouco tempo pelo próprio general. Entre essas denúncias está a de existência de doenças venereas entre os índios Parakanãs, contactados há pouco tempo na rota da rodovia Transamazônica.

Para muita gente, o pedido de demissão de Antonio Cotrim Neto não chegou a ser uma surpresa. Em seus relatórios à Funai, o sertanista vinha apontando uma série de deficiências na política do órgão, reclamando muito contra a falta de atendimento de pedidos urgentes. O motivo que mais concorreu para precipitar o seu pedido de demissão foi o fato de a Funai ter se demorado muito para atender o pedido de medicamentos para os índios Jandavaís, atacados por um surto de gripe. Quando a remessa foi feita, 48 dias após o pedido, 16 índios já haviam morrido.

Mas não só Cotrim se desiluiu com a Funai. Entre a grande maioria dos sertanistas que trabalham para a Funai a decepção é muito grande. Há três meses, Apoena Meirelles, então diretor do Parque Indígena de Aripuanã,

enviou vários relatórios à Funai dizendo que "não gostaria de ser julgado pelas gerações futuras como um gigolô dos índios".

"As terras dos Cintas-Largás — afirmava o relatório — estão sendo invadidas pelos brancos. Os índios já passaram pelo sarampo, mas não sei se passarão pela gripe, pela tuberculose e pela catapora. Enfim, será por demais duro, para mim, assistir ao extermínio desse povo e contemplar a destruição de todos os seus sonhos. Em menos de quatro anos suas terras foram de-

vasgadas, as epidemias deixaram profundas marcas e muitos deles já tombaram nos primeiros quilômetros da longa estrada, onde encontram miséria, fome, e a prostituição das suas mulheres". Apoena terminava dizendo: "Eu preferia morrer lutando ao lado dos Cintas-Largás, defendendo as suas terras e seus direitos. Isto seria preferível a vê-los, amanhã, mendigando em seu próprio território. E se tal não faço é porque considero uma grande irresponsabilidade lançar esses companheiros numa luta desigual".

Por seu lado, Cotrim continua afirmando que os índios a cada dia estão mais próximos do extermínio: "A situação de perseguição e invasão das terras dos Gaviões chegou a tal ponto, que eu apresentei a eles duas alternativas: ou eles aprendiam a viver pacificamente com os brancos ou então se atiravam à luta contra eles. Caso a opção dos índios tivesse sido a de defender suas terras, eu lutaria ao lado deles".

Para Cotrim, os sertanistas honestos ficam completamente marginalizados pela Funai. Geralmente costumam ser remanejados de determinada função no momento em que, conhecedores profundos da situação, assumem a defesa do índio contra grupos e elementos interessados em suas terras. E cita a transferência de Apoena e Francisco Meirelles, respectivamente da direção da 8.ª Delegacia Regional de Porto Velho e do Parque Aripuanã, para a Transamazônica. Apoena foi transferido depois de haver encaminhado vários relatórios, nos quais reivindicava uma série de medidas visando ao restabelecimento da paz no Aripuanã, após a morte de Possidônio Bastos e Acrísio Lima. Hoje o sertanista está nas frentes de atração e pacificação da Transamazônica, no trecho próximo à Itaituba.

Contudo, a Funai justifica o constante deslocamento dos sertanistas alegando a carencia de pessoal especializado. Existem hoje, registrados nos quadros de sertanistas da Funai, apenas 20 técnicos. Com o programa de abertura de estradas de integração nacional, foram criadas 18 frentes de trabalho, onde há necessidade de pessoal especializado para assumir a liderança no trabalho de atração e pacificação das tribos isoladas que ainda habitam a região. Para a Funai, isto é um bom motivo para não se prender um sertanista por muito tempo numa área apenas.

"A mudança dos funcionários para áreas diferentes — explica a Funai — evita que os sertanistas fiquem enclausurados no trabalho de um único grupo, dando-lhes oportunidade de conhecer outras tribos brasileiras".

Mas para os sertanistas, esse argumento não responde a outra antiga reclamação sua: a centralização excessiva do órgão. Apoena Meirelles, num relatório, reivindicava maior autonomia, argumentando que, "instalada no meio da selva, a expedição não pode ficar dependendo de memorandos, despachos e ofícios, toda vez que há necessidade de se tomar qualquer atitude".

Aureliano já foi operado em Cuiabá

Aureliano Bispo de Oliveira, o nivelista do 9.º Batalhão de Engenharia que foi flechado pelos índios Kranhacãcores, foi operado na manhã de ontem na Casa de Saúde Santa Helena, em Cuiabá. O médico Antonio Correia da Costa, que fez a operação, explicou que nada foi encontrado no interior da coxa de Aureliano e que isto já havia sido confirmado pela radiografia. Entretanto, por exigência do próprio paciente, foi feita a intervenção, que afinal nada encontrou, como já era previsto. Aureliano está passando bem e talvez dentro de uma semana já possa andar normalmente. Ele afirma que não se amedrontou com o ataque dos gigantes e quer voltar a ocupar o seu cargo de nivelista, na frente da Cuiabá-Santarem.

Equipe médica fez pesquisa na selva

Regressou a Cuiabá uma equipe de medicina em comunidades tribais do Museu Rondon, da Universidade Federal do Mato Grosso, durante vários dias percorreu seis grupos indígenas da região norte do Mato Grosso, levando dados para a elaboração de um plano de trabalho de pesquisa aplicada.

Esse plano é resultado de um convenio entre a Universidade do Mato Grosso e a Missão Anchieta e já foi comunicado a entidades científicas internacionais, como a Cruz Vermelha e a Organização Internacional do Trabalho, ambas com sede em Genebra. O reitor da Universidade, Gabriel Novais Neves, chefiou a expedição.

Cibrazem atua na Trans-AM

Da Sucursal de BRASÍLIA

Dentro do Programa de Integração Nacional — PIN — a Companhia Brasileira de Armazéns — Cibrazem — instalará na área da Transamazônica uma usina de beneficiamento e preparação de alimentos e dois armazéns metálicos. A usina ficará em Altamira e os armazéns nas colonias de Ouro Preto e Bernardo Sayão.

A Cibrazem cogita também de instalar um armazém inflável na agrovila dos gauchos, entre Altamira e Itaituba. No ano passado, foram montados armazéns em Altamira, Marabá, Imperatriz e Brasil Novo, a fim de facilitar a implantação das agrovilas, a cargo do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária.